

ASPECTOS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Larissa Rolim Rocha¹

"Professor Homem: O estrangeiro na educação infantil" (Appris editora, 2016), da psicóloga **Maria Arlete Bastos Pereira**², busca compreender os desafios impostos às vivências de professores homens que atuam em creches e pré-escolas neste universo considerado feminilizado.

Nos capítulos que integram esta obra, a psicóloga aborda os temas gênero, educação infantil, identidades e algumas histórias de vida com a intenção de refletir e desconstruir a supremacia imposta pelo universo de gêneros, tendo em vista o que cerne ambientes educacionais, ao buscar entender conceitos e acontecimentos históricos que influenciaram tais paradigmas e os benefícios da desconstrução de seus ideais impostos.

O tema gênero é abordado com o intuito de esclarecer o conceito deste termo com embasamento nas teorias de autores especialistas no assunto. Bastos o conceitua de acordo com a estudiosa Joan Scott, a qual afirma que gênero e sexo não devem ser tratados como iguais, bem como, defende o conceito de gênero como sendo a interpretação e reflexão que o indivíduo tem sobre si, suas ideias e ideais sobre masculinidade e/ou feminilidade. Para ela,

homens e mulheres tornam-se mulheres e homens no decorrer de suas vivências, logo as relações de gênero são construídas socialmente e culturalmente, o que pode condizer ou não com as noções impostas pelas comunidades e, isso é o que difere o termo *gênero* de sexo para um indivíduo, sendo o sexo um termo de cunho biológico atribuído ao nascer a partir dos órgãos genitais. Ela afirma entender o termo de acordo com os conceitos de Scott, uma definição que possibilita analisar e refletir a evolução histórica das diferenças hierárquicas de homens e mulheres no cuidado e na educação de crianças.

Os termos masculinos e femininos são atribuídos socialmente e impostos a cada indivíduo diferentes paradigmas a serem vividos. Isso ocorre na história em que o homem é imposto como 'dominador' e a mulher como 'dominada' e durante anos a realidade da mulher recatada e do lar, dedicada a cuidar da casa e dos filhos enquanto os homens trabalhavam permaneceram como padrões de vida. Contudo, mudanças históricas ocorreram e a partir do século XIX a mulher começou a ganhar mais espaço no mercado de trabalho, bem como passaram a exigir melhores condições de vida e local apropriado para acolherem seus filhos durante esta jornada. Entretanto, as ideias da época com relação a creche eram de um lugar que suprisse a falta da mãe, logo um ambiente que proporcionasse cuidados mínimos a um corpo infantil, como higienização, saúde e alimentação, responsabilidades que vêm

¹ Graduanda de Pedagogia UNG.

² Psicóloga e mestre em Educação e Saúde pela Unifesp.



historicamente e socialmente sendo marcados como funções naturalmente femininas.

A autora enfatiza essa separação do educar e do cuidar, como ações distintas e impostas para diferentes gêneros, embora, sejam tarefas que uma única pessoa seria capaz de realizar. Então, no mesmo ambiente escolar, o cuidar passa a ser designado a mulher, pois historicamente é vista como apropriada para a tarefa e o educar cognitivo, designado ao homem. Mas é socialmente inaceitável, pois durante este período de escolarização infantil, a identidade do professor homem se apresenta como inapropriada para o cuidado pedagógico. O professor homem é visto como um ser sexuado ativo e perverso, em quem a sociedade não confia os cuidados das crianças nesta etapa de ensino ou sua sexualidade é posta em dúvida por ter escolhido uma profissão cuja representação está atrelada ao feminino.

Quanto à identidade, a autora aborda sua construção como sendo um conjunto de características eleitas e impostas socialmente as quais o guiará quanto suas escolhas. Caso essa identidade seja conflitante com o padrão social este indivíduo é visto de forma negativa. E assim ocorre com os professores homens que são considerados estrangeiros na educação infantil, em um espaço determinado como território feminino, desestruturando a identidade eleita como natural.

Maria Arlete Bastos Pereira ressalta que apesar da identidade ser imposta socialmente esta não é fixa, estável ou permanente, pois estabelecer um parâmetro a ser seguido contradiz a multiculturalidade existente no mundo e a escola é um ambiente em que essa heterogeneidade se destaca ao

estabelecer um padrão e torna-se um problema pedagógico e curricular, visto que as identidades são postas como representações boas ou ruins. Torna-se impossível abordar o multiculturalismo nas escolas com tanta intolerância à diversidade cultural. A identidade não é algo dado ou a ser adquirido. Partindo do pressuposto de que o gênero é construído socialmente, a identidade se estabelece da mesma maneira, logo o processo identitário de cada professor se estabelece de acordo com as suas vivências.

A autora procurou professores homens da rede de Guarulhos, com a intenção de compreender como ocorreu sua entrada na educação infantil, conhecer suas histórias, os desafios e superações de estar atuando nesta área, expressando o real sentimento destes profissionais considerados estrangeiros na educação infantil. São evidentes os preconceitos dos que veem a profissão pedagógica como naturalmente e eminentemente feminina, a repulsa ao ver um professor homem lidando com os cuidados de um corpo infantil, levantando pensamentos inadequados, dúvidas de sua capacidade, pré-julgando sua sexualidade e identidade, através de crenças pré-concebidas de pensamentos comuns.

A sociedade impõe identidades de gênero e sexuais e a forma como estas devem ser vividas. No entanto, os professores homens passaram a subverter a ordem estabelecida socialmente provocando uma ruptura nestas imposições sociais. A escola é um ambiente multiculturalista, um local onde é possível a atuação de profissionais masculinos e femininos mesmo no cuidado de creches e pré-escolas. E como a autora afirma que é possível perceber diante da pluralidade,



que o estranho não deveria ser o ver
professores homens nos cuidados de crianças

em seus processos de escolarização, mas sim
ver apenas mulheres.

